

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

RECOLHIMENTO DO ARCANJO S. MIGUEL. AS BEATAS DO CHAPÉU.

ALMEIDA, Eduardo de

Ano: 1921 | Número: 31

Como citar este documento:

ALMEIDA, Eduardo de, Recolhimento do Arcanjo S. Miguel. As beatas do chapéu. *Revista de Guimarães*, 31 (4) Out.-Dez. 1921, p. 300-316.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

RECOLHIMENTO DO ARCANJO S. MIGUEL

(AS BEATAS DO CHAPÉU)

Sit Nomen Domini benedictum.

A Guimarães, em que vivi criança (há mais perto de quarenta do que de trinta anos) tinha uma fisionomia muito sua e bem outra da cidade industrial de hoje, a enquadrar-se no insípido modelo de todos os centros urbanos, assollhada de clareiras e enviesamentos geométricos a tira-linhas, com panos ou tábuas de anúncios nas frontarias e palmeiras nos arrelvados... por onde o garotio, na mesma farrapagem, salta o ribaldeixo aos clamores de palavrório obsceno, e figurinhas insexuadas, de placas de tinha caspentas, magras como os cães que à roda farejam as escorrências do lixo, nascendo já idosas, se expulgam entediadamente.

Ao cair das trindades, os lampianistas marchavam, no ângulo estiradiço de robertos a vintém, escada ao ombro, acender os candieiros de petróleo, e, a êsse vagaroso piscar de lucernas discretas pela baça atonia do crepúsculo, quando já pela tenda continuava o folhetim da discussão política, muito puxada à sustância regedorial, na casinha de jantar, o burguês, de moiras de bezerra e meias de linha, servida a ceia — dadas as graças e as boas noites —, armava, num velário íntimo, o serão da família.

Havia sempre, como nos bons contos de Júlio Dinis, uma tia velhota que, de manhã, passeava as missas de capela em capela (a do senhor cônego chantre, va-

garoso nas cerimónias e no silabado latim; a do reitor, muito expedita, com desembaraços de falas e de gestos) sem perder pitada das soalheirices, debicadas no aflate de embiocados compungimentos, e então, na longura morna do inverno, esfiava, com o linho da roca, dulçorosas histórias de mosteiros, evocadoras passagens doutros tempos, que a nossos olhos se iluminavam de fábula, como vitalizações de côr na emoldura de talha.

A vida religiosa, de patriarcal mansuetude, infiltrava-se por imitação, e era feriado regalo de meninos correr com a trôpega devocioneira, espanejando cotientos merinos, a que se pegara o cheiro do incenso e o bolor da água-benta, teimosa e danada na conquista do seu lugar na bem-aventurança, os passos quaresmais, as candelárias brilhantes, as festas pomposas da Insigne Oliveira, sabendo-se mais pronto quando os santos faziam anos do que certos parentes — uns unhas nos folares.

Então um ano era muito maior, dum Natal a outro um século de aulas, dissabores, compridos dias compridamente espapaçados, e a gente ficava com pêna, ao recolher a procissão, e vinha para casa numa soturna pieguice, como se tivesse um mundo a atravessar para a outra procissão com a música, os anjinhos, os andores e as santa-marias do acompanhamento, bicha torcicolada pelas ruas do itinerário — que algumas, pobres ruelas, nunca mirolharam a corôa dum padre no escanhão prá festa.

Lembro-me de pessoas, que se viam apenas em determinadas solenidades, e havia um sujeito já idôso, muito esgrouviado na sobrecasaca de chicória moída, com os colarinhos abertos a meio do pescôço, que eu encontrava necessariamente, pelas cinco horas da tarde, acompanhando a senhora e as filhas com vestidos de sêda preta e medalhões de oiro ao peito, a descer pela estrada de Fafe, no domingo de Lázaro.

As freiras das Capuchinhas ouviam-se na segunda-feira de pascoêlo, dia de Nossa Senhora dos Prazeres — acabam os serões e começam as merendas —, quando os fidalgos de Guimarães, os Lindosos altos e desempenados, de casaca e laço branco, traziam, em padiola, dos claustros, onde tinham recolhido ao lu-

to quaresmal, as preciosas imagens de S. José e Nossa Senhora, agora no destêrro dum altar no Campo da Feira.

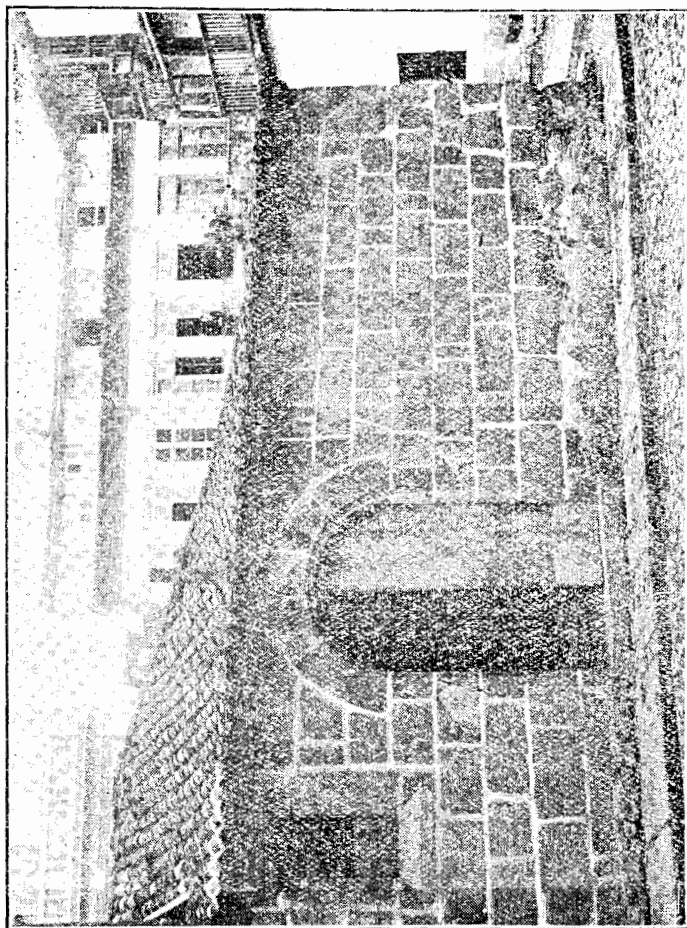
Cantavam lá no alto, ao fundo da igreja, por detrás dos cortinados espessos que cobriam as rejas apertadas do côro, num lacrimějante murmúrio de suave, dolorida resignação (mas donde um rústico e ingénuo perfume dimanava, fazendo pulsar mais brando o nosso coração de pecadores) e de esperança na aleluia de além-túmulo.

Não era a voz gorgçada, física, que se materializa na garganta, nem mesmo a voz pura de mulher, abrindo em adoração, como as rosas brancas aos oiros quentes do sol, ou os trinados melancólicos na omaria, quando agoniza um dia de primavera; mas uma voz que não tinha corpo, voz da alma, que arroia em eflúvios espirituais, arco-íris de notas florindo em luz, e se quebranta e sobressalta na atmosfera grosseira do mundo, e logo procura ascender e ilibar-se nas alturas, deixando só, quando passa, um perfume de saúde, uma carícia de divino, um adejar de ideal em doce mágua.

Nós hoje não compreendemos a paz dramática dos conventos. As nossas ideas, como a nossa vida, são tôdas rua, exterioridade, um botequim de azáfama balbúrdia. Ensinaaram-nos assim em fúrores de epilepsia. Rimo-nos da alma que sofre serenamente, na incurável desilusão das paixões, enclaustrada dentro dum túmulo de vivos. Ao nosso riso — ímpio e maldoso — chamamos liberdade, e é entre gargalhadas de pensamentos rubros e soltos que, por filosofia, abafamos a nossa dor mesquinha.

A própria crença, armada na praça em ar de guerra, se espectacularizou. Há lâmpadas eléctricas no templo, amaneiramentos efeminados no culto. A voz emudeceu... Os sinos de S. Pedro, que badalaram em regosijo o hino da Carta, foram convictamente levados a tanger os acordes da Portuguêsa — agora até os sinos teem opinião política!

Havia talvez menos cascatas nas esquinas, esboçando o musgo pelos degraus póidos dos casebres. Mas evitava-se a impertinência duma lição — o rato roeu a rolha da garrafa — ou a sacudidela de orelhas



ALBERGUE DA SENHORA DO SERVIÇO
(NO ANTIGO LARGO DE S. PAIO)

por qualquer diabrura, com uma igrejainha no sótão : um ermo de foragidos.

Era vê-los então, aos rapazes, assediando as pobres recolhidas do Anjo, que fabricavam hóstias (e com pouco mais do que essa renda viviam) pedindo gulosamente as aparas. Foi lá muito menino bonito, ateu, mais tarde, abundantemente. E as criadas de servir, que também são filhas de Deus, entravam na capela e faziam o mês de Maria, à compita com a novena fidalga de Santa Clara.

Era ali acima, em S. Paio, no largo, entre as ruas do Anjo, dos Açougues e a da Tulha, perto ainda da rua de Alcobaça, a atravancar, com a sua casaria monótona, escura e pobre, o alegre campo a que hoje deram o nome de Condessa do Juncal, em homenagem à caritativa benfeitora da Santa Casa da Misericórdia ⁽¹⁾.

O Recolhimento, já muito decaído, foi encerrado em Outubro de 1910 ⁽²⁾, e o edifício, que desde 1907 ameaçava ruína, sem outro valor arquitectónico que o do seu cariz de velhice, muito singelo, derrubou-se, pouco depois, com o Albergue de Nossa Senhora do

(1) «Passou êste recolhimento, escrevia o *P.^e Caldas*, in *Guimarães* — «Apontamentos para a sua história» — (Vol. II, pág. 157) por várias reformas na sua fábrica; sendo mudada a capela para o lugar que hoje ocupa, e benzida em 1748. Consta esta apenas dum altar-mor de talha sem importância, pintado a côres, e tem fronteiro à porta da sacristia outro pequeno altar, dedicado ao Senhor da Cana Verde. O côro de cima ocupa quasi meio recinto de tôda a capela, e sôbre os degraus do altar-mor do lado da Epístola há uma grade, que serve de comungatório às recolhidas. Tem ainda ao lado do púlpito sôbre uma peanha de madeira a imagem de S. Francisco de Assis.

Ainda hoje serve de recolhimento de beatas franciscanas, que ali são admitidas pelo administrador do concelho : e usam de capa côr de cinza e véu branco, segundo as determinações do Arcebispo de Braga D. José de Bragança em 1751; o qual no ano seguinte lhe concedera o uso de escapulário.»

Posteriormente ao *P.^e Caldas* havia na capela do Anjo uma imagem de Nossa Senhora de Lourdes e uns pequenos altares onde se veneravam Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora da Luz. — (Vej. *J. G. d'Oliveira Guimarães (Abade de Tagilde)* — *Guimarães e Santa Maria*, 1904, pág. 35 e 102).

(2) Recolhidas que saíram então — Narcisca de Jesus Gonçalves, natural de Vila Cova, Rosa de Jesus da Silva, de Braga, Laura Barbosa, de Guimarães e Maria da Assunção Sarmento, de Viseu.

Serviço, êste de antigo e puro estilo, perdendo-se, por furto, o simbólico nicho do Arcanjo S. Miguel, que brasonava a frontaria, e levando tal sumiço que até hoje não foi possível encontrar-lhe o paradeiro, o histórico altar de S. Gualter — «onde tinha resado S. Francisco» —, que enriquecia a despida pobreza do claustro ⁽¹⁾.

A última recolhida que exerceu o cargo de regente (Maria da Assunção Sacramento) despediu-se daquelas ruínas na acurvada abdicação e profundo desalento de quem vê, numa hora, findar em pó que o vento leva um passado de séculos, beijou os degraus do côro, onde rezara, num beijo longo e choroso, como se nêle viessem, em esfumada teoria, mansamente, de joelhos, as almas de tôdas as velhinhas que ali penaram seu fadário, saíu ao portal aberto ao sol cru de gloriosa indiferença, treineu, cambaleou e foi-se arrastando té à freguesia de Vila Cova, no concelho de Fafe, para ali morrer, lembrando na derradeira prece as suas colegas de clausura, uma das quais, internada

(1) A 6 de Dezembro de 1910 o engenheiro municipal, Inácio Teixeira de Menezes, comunicava à Câmara que «tanto o edifício do extinto recolhimento do Anjo como o muro do quintal do Albergue para pobres velhas, situados na rua dos Açougues e no largo do Anjo, ameaçam ruína em grande parte das suas paredes voltadas para aquela rua e para o largo dos Açougues, sendo um perigo iminente para quem ali habita e para quem passa pela dita rua e largo». Uma comissão nomeada pela Câmara Municipal em sessão de 10-Junho-1908 a propósito do «Albergue do Anjo» (não é o Albergue do Anjo — que fica na viela de S. Crispim, mas sim o Albergue da Senhora do Serviço ou de S. Paio, no Anjo) emitiu o parecer de que ou dentro do edifício do extinto convento de Santa Rosa de Lima (que é conhecido pelo Convento das Dominicás), cedido à Câmara, pelo Estado, por decreto de 10-Maio-1892, ou fora dêle na grande cerca, havia espaço e local para abrigo das pobres velhas que habitavam o Albergue. Este era administrado pela Curaria e portanto a Câmara teve de entender-se com o Cabido que, por officio de 29 de Novembro de 1910, declarou aceitar a resolução tomada. As obras de «construção duma casa para albergue das mulheres inválidas na cerca do extinto Convento das Dominicás» foram orçadas em Esc. 560\$00. Procedeu-se à demolição em 1912.

Sobre aquele Albergue diz o *P.^e Caldas* (obr. cit., pág. 227): «E' uma casa térrea com limitada horta, sita no largo de S. Paio. Tinha noutro tempo adjunta uma capela, que lhe deu o título, da qual nem vestígios restam. E' administrado pelos padres da curaria que recebem por esta via vários foros, e têm a seu cargo a fábrica

como educanda, irrequieta de primavera e de sonhos, duma atraente simpatia de morena, saudou a liberdade com a mais ingénua veemência, no doce engano de quem vira o mundo, com alma pura de menina, através as grades do convento, ainda no estonteio de medo e curiosidade do primeiro amor.

Mais alguns anos, e quem, em flautado passeio ou no acabrunho de seus negócios, atravessar o largo, nem mesmo ao acaso se lembrará daquele velho recanto duma espessa tristeza, onde as Beatas do Anjo, quando cantavam no côro, atraíam a curiosidade dos fiéis e dos galanteadores.

Não penso em erguer aqui à sua memória uma lenda de poesia, nem me sinto com forças de narrar a história obscura e monótona das terceiras franciscanas. Vou ver, com escrupuloso respeito e enternecido cuidado, se consigo apontar uma ou outra curiosida-

da casa e a admissão das velhas pobres, que o albergue recolhe em número de oito. A estas apenas o albergue dá um quarto para dormir e forno e cozinha comum, e a Ordem Terceira de S. Francisco distribui 500 reis a cada uma na véspera de Natal, segundo o legado de Ana Maria Lobo, ou 4\$000 reis distribuídos igualmente pelas que estiverem.

O facto de ser este albergue da administração da curaria leva a crer, que o seu fundador fôsse algum beneficiado da colegiada, cujo nome se perdeu por incúria.»

O *Abade de Tagilde* (*obra cit.*, a pág. 123 e 154) diz que a capela ainda existia em 1692 (naturalmente porque vinha mencionada nas *Mem. res. da antiga Guim.*) e acrescenta: — «E' certo ter sido a propriedade e administração deste albergue duma antiga confraria, instalada na Colegiada, conhecida por confraria dos tabaliães, tendo por titular Nossa Senhora do Serviço, à qual nos princípios do século XV já estava unida uma outra confraria denominada dos alfaiates, cujo titular foi S. Vicente. Nuns estatutos, que foram organizados sendo juiz Gil Lourenço de Miranda, vassallo del-rei D. João I, para dar melhor ordem à velha confraria, lê-se no preâmbulo que esta «he humma das confraryas a millior e mais honrada que ha em esta villa de Guimarães onde a ditta Senhora he servida de muitos fieis christãos asy do logar como doutras partes e por suas emprezas e rogos fez muitos milagres». Celebrava esta confraria missa todos os sábados a que os confrades deviam assistir, assim como em tôdas as festas da Senhora. Extinta no correr dos tempos pela carência de irmãos, o D. Prior D. Diogo Lobo da Silveira em 5 de Março de 1665 entregou à coraria o albergue e todos os mais haveres da confraria do Serviço, que desde então os administra.»

de, reconstituindo um quadro singelo da vida vimaranense antiga, duma estranha e sedutora psicologia.

Estou envelhecendo — e os velhos gostam das coisas idas. Para mim, dantes, tais rebuscas em pergaminhos amarelidos e safados causavam horror e achava-as amanho muito próprio de espíritos despreocupados, entontecidos pelos anos, misoneístas ásperos, num insulamento egoísta das luzes da civilização e dos prazeres do século. Só agora lhes descobri o bálsamo perfumado, a magia enlevante, como se a alma, que nós queremos ressuscitar em ideal para o futuro, se comprazesse em reviver de saúde no passado.

Ao entrar, como lavrador bisonho no átrio duma casa estranha, hesitante e atarantado, no bafo entristecido destas velharias, aliás proveitosas à reconstituição da nossa vida histórica no seu dinamismo quotidiano, o mais vulgar e também o mais íntimo e de surpreendentes ensinamentos, murmuro a conhecida saudação provinciana do — louvado seja... —, esperando levem abonadas à minha boa fé as faltas em que certamente vou incorrer.

E... principio, dando conta de como as *Beatas do Chapéu* defendiam, não sem certo orgulho, e falavam

DA ANTIGUIDADE E HISTÓRIA DO RECOLHIMENTO DO ANJO

«S.^r D.^r Corrigidor, e Provedor
desta Com.^{ca} de Guim.^{es}»

Foy notificada á ordem de V. M., á M.^e Reg.^{te} do Recolhim.^{to} do Anjo S. Miguel desta m.^a Villa p.^a exhibir na Sua prez.^{ca} os titulos q. tem do m.^o Recolhim.^{to}

He tam antigo o Recolhim.^{to} do Anjo nesta Villa de Guim.^{es}, q. ha huma tradição q. S. Franc.^{co} esteve nelle quando profetizou, = *que este Reyno de Portugal nunca seria junto aos Reynos de Castella* =. Como diz Fr. M.^{el} da Esperança na Histor. Serafic. tom. i. lib. i. Cap. 2. n. 2. Eq. na m.^a, ou outra ocasião pro-

fetizara, q. sempre no d.^o Recolhim.^{to} haveria uma Recolhida depura Santid.^e, e a ser também na m.^a occa-
zião foy no anno de *i2i4* como diz a d.^a Histor. Sup.^a (1)

E nam ha duvida q. o com vento de S. Franc.^o desta Villa teve seu pr.^o principio na era de *i2i6*, no sitio chamado = *a fonte Santa* = o m.^o A. na Histor. Serafic. tom. i. cap. 39. n. i., e cap. 40. n. i. (2). Po-

(1) São as seguintes as passagens de *Frei Manuel da Esperança*:

1 — «Quando o Santo seráfico, deixando Ciudad-Rodrigo, se meteu em Portugal, corria já o anno de 1214, e é tradição constante que esteve em a cidade da Guarda. Que caminho, saindo daqui levasse, não sabemos..... Pode ser que chegasse a Coimbra, onde a Côrte estava: porém isto não nos consta, e diz o padre frei Marcos com Gregório de Almeida, ou quem foi autor do livro intitulado — *Restauração de Portugal*, que em Guimarães achou êle a Rainha D. Urraca, mulher del Rei D. Afonso II, à qual buscou de propósito para encomendar a sua religião.

2 — Nestas visitas lhe profetizou o Santo que este *Reino de Portugal nunca seria junto aos reinos de Castela*, como o achou escrito o dito padre frei Marcos, que também o escreveu.....

6 — Mas ou o Santo em Guimarães a dissesse, ou noutro lugar do reino, não deixa de ser certíssimo, que esteve nessa vila. Não foi contudo para visitar a S. Gualter, seu discípulo, como disse um Autor dos nossos tempos, porque tinha ficado em Itália, e não veio a Portugal, senão daí a dois anos, no qual tempo principiou o convento. Seria sua tenção ver a Rainha, se ela na mesma vila estava, ou Deus o levou para acreditar seu nome com o milagre seguinte, que foi dos primeiros, em que mostrou seus poderes sobre as forças da morte. Tinha-se êle recolhido, como costumava sempre, num hospital na companhia dos pobres, e obrigando-o um devoto a pou-sar em sua casa, Deus lhe pagou brevemente pelas mãos do mesmo Santo esta sua caridade, porque falecendo sua filha, a qual estava enferma, foi restituída por seus merecimentos à vida. Com isto se imprimiu tam notável devoção, e afeição a seu respeito nos moradores da vila, que ainda permanecem grandes vestígios dela. Despediu-se finalmente entretendo as instâncias de lhes conceder convento, com uma promessa dêle para quando houvesse ocasião, e seguindo seu caminho pela cidade de Braga, foi santificando a terra, que pisava com os pés, e fazendo bem a todos.... — (*Historia Serafica da Ordem dos Frades Menores de S. Francisco na Província de Portugal*, 1.^a ed., 1656, Liv. I, Cap. II, n.^{os} 1, 2, 6, pág. 44, 45 e 46).

(2) 1 — «Das raízes duma serra, chamada de *Santa Catarina*, à vista de Guimarães pela banda do sul se levanta um oiteiro, muito fresco, e alegre, como são todos os outros à roda por razão dos arvoredos, que os vestem. Entre as fontes, de que se acha re-

rem no anno de *1271*, semudou p.^a o hospital q. se chamava do Anjo junto á Torrevelha: o m.^o A. Sup.^a na Histor. Serafic. tom. i. cap. 41. n. i ⁽¹⁾, e 2. Gaspar Estação Antiguidad. de Portug. cap. 29. n. 2.

gado, nasce uma quasi meio quarto de légua da vila, a qual merecendo nome célebre pela bondade, e abundância da água, hoje se chama *fonte santa* ou *fonte de são Gualter*, a respeito das insignes maravilhas, que Deus tem obrado nela por sua intercessão. Para esta parte se retirou o mesmo Santo («sendo certo que na vila todos o queriam receber «em suas almas, quanto mais em suas casas», porque «viam nêle que dêsse modo andava, descalço, mortificado e pobre, N. P. S. Francisco quando na sua mesma vila ressuscitou a defunta») com seu companheiro naqueles primeiros dias, ordenando umas choupanas de ramos, como de homens passageiros, que caminhavam da terra para o céu. Comiam das esmolas, com que vinham visitá-los os devotos sem elles as procurarem, e aproveitando-se da fonte, dela bebiam, e nela lavavam as suas túnicas em uma pia de pedra, a qual se achou há poucos annos, e serve agora na mesma fonte medicinal, onde muitos enfermos se banharam, e alcançaram saúde.»

2 — «Neste tempo saiu a resolução dos moradores da vila, a qual foi que nem êle ficasse tam longe como queria, nem o obrigassem a fundar tam perto como elles desejavam: mas que o convento se fizesse mais abaixo para a parte da vila, quasi em distância igual entre ela, e a fonte.....»

E depois de citar uma carta de partilhas entre Gil Lourenço de Miranda e outros, feita por Fernão de Sela, a 16 de Julho de 1448, e na qual se demarca, a confinar com a fonte, a herdade de *Borreirós*, prossegue:

3 — «... .Donde se vê, ser fundado o convento muito abaixo da fonte, cuja água recolhe em si o sobredito ribeiro. Teve assento num campo, o qual agora confronta por tôdas as quatro partes com a quinta de Vila Verde, campo e devesa do Minhoto, campo chamado do *Cavalinho*, e com o caminho público, que vai da fonte do Amor pela porta da quinta do Alvim, no qual parece que ficava a entrada do convento. Aqui numa eminência se vê ainda á flor da terra um pedaço de parede, e noutras partes vizinhas desentranha o arado alguns teijolos e pedras: argumentos claros de antigo edificio. Depois que nós o deixámos na mudança para a vila os seculares, a quem ficou este campo, fizeram um pombal nêle, que por razão do convento se chamava de *são Francisco o velho*. E no anno de 1476 passou com as outras casas juntas, por doação de Alvaro Gomes, e de sua mulher Isabel Mendes, á confraria dos sapateiros, em cujo arquivo se guarda a escritura. Nós demos estas noticias, para que se não acabe totalmente a memória dum dos solares, que teve a nossa Religião neste reino.» — (*Obra cit.*, Cap. XXX, n.^{os} 1, 2 e 3, pág. 138, 139 e 140).

(1) 1 — «Foi entendendo Guimarães quanto melhor lhe estava a vizinhança do convento, que a distância dêle, e assim se resolveu em o trazer para perto dos seus muros, donde os religiosos

Este Segundo convento foi mandado demulir por ordem do S. Rey D. Diniz, porq. na guerra q. teve com seu f.º q. teve esta Villa cercada, e de lhe cauzara gd.º damno: Histor. Serafi. tom. i. cap. 34 n. i. Gasp. Estac. cap. 29. n. 3. o P.º Ant.º Carv.º na sua Corografia Portugueza tom. i. cap. i6 pag. mihi 65. ibi. = (¹)

A segunda fundação deste convento foy dentro da Villa de Guim.º junto a torre velha, em hum hospital, que chamão do Anjo, situado na rua do seu nome, q.

mais facilmente acudissem às obrigações da caridade cristã. Êste foi o motivo da mudança, e não por ser doentio o lugar, onde estávamos, conio alguns por erradas informações escreveram; porque na verdade era frêsko, e sadio, quais são todos nestas partes. Pelo que, estando dêste acôrdo a nobreza e o povo, mandaram chamar à Câmara o guardião frei Miguel, e aí lhe fizeram doação dum hospital, por outro nomie *Albergaria*, no qual se recolhiam as pobres, que passavam de caminho, e por ser administrado pelo govêrno da vila se chamava o *hospital do concelho*. E parece que em prêmio da nossa caridade exercitada com os pobres, e enfermos dos sobre-ditos hospitais, nos concedeu o céu êste, muito próprio do nosso santo estado, o qual é de passageiros pela terra para o reino da glória. Foi feita a doação pelo juiz Mem Martins, e por todo o concelho a 23 de Novembro, ano de Cristo de 1271, estando também presentes o alcaide-mor Pero Rodrigues, Fernão Gonçalves Cadilho, e muitos homiẽs bons, como então se chamavam os honrados. . . . »

2 — «Estava o hospital junto da vila, *juxta villam*, como diz o auto da dita posse, à roda dos muros dela, *circa murum villae* conforme a doação, *prope portam, quae vocatur de turre veteri*, e perto da sua porta, chamada da *torre velha*. Estes muros eram aqueles antigos, que El-Rei D. Dinis mandou depois renovar, e D. João I fortificou com tórres novas, das quais a que succedeu à outra, que se chamava a *velha*, ainda tem êste nome; e no alto ostenta uma imagem de N. P. S. Francisco. . . . Aqui em uma planície ficava o hospital, pouco acima do sítio, onde agora estamos. E neste mesmo lugar se vai edificando outro mais rico, e sumptuoso, que instituiu, e subordinou ao convento na forma, que adiante diremos, um especial devoto do dito santo Patriarca; para que o mundo acabasse de entender, como não é perdido o que se gasta com êle, pois em retôrno dum hospital, que nos deu a vila de Guimarães, lhe tornamos a dar outro em tudo mais avantajado. »

(¹) «A segunda fundação dêste Convento foi dentro da vila de Guimarães junto à tórre velha, em um hospital, que chamam do Anjo, situado na rua de seu nome, que é hoje Recolhimento de Beatas da Ordem de S. Francisco, donde o mandou derrubar El-Rei D. Dinis pelos anos do Senhor de 1290 em razão do dano, que dêle fizeram às suas gentes no cerco que naquella Vila pôs o Infante D. Afonso seu filho nas diferenças que teve com êle; e querendo-se

hoje he Recolhim.^{to} de Beatas da Ordem de S. Francisco, donde omandou derrubar El Rey D. Diniz pellos annos do Senhor de 1290. inquam, de 1200. em razão do damno, q. lhe fizerão as suas gentes no cerco q. naquella Villa pos ao Infante Dom Affonço Seu filho nas diferenças q. teve com elle; equerendo-se tratar da sua ultima fundação no lugar emq. hoje está, lhe foram postos embargos pello Cabido da Collegiada de Guimarães q. se guardam no seu Archivo. Mas sem embargo do impedim.^{to} continuou a d.^a fundação aq. lançou a pr.^a pedra o Arcebispo de Braga D. Frey Tello, Religioso desta Ordem, com m.^{ta} solenidade no anno do Senhor de 1290. e deu muita parte do dinheiro, que se gastou na obra, como dis Gonzaga no seu Livro da Religião Serafica fol. 273. = (1)

Aqui se ve claram.^{te} q. junto atorre velha no hospital do Anjo esteve o convento de S. Fran.^{co} e q. foram lançados os Padres fora delle, por causa das guerras, q. teve com seu f.^o o S.^r Rey D. Diniz, e que depois disso entraram p.^a o m.^o hospital ás Beatas da

tratar da sua última fundação no lugar em que hoje está, lhe foram postos embargos pelo Cabido da Colegiada de Guimarães, que se guardam em seu arquivo. Mas sem embargo do impedimento continuou a dita fundação, a que lançou a primeira pedra o Arcebispo de Braga D. Frei Telo, Religioso desta Ordem, com muita solenidade no ano do Senhor de 1290 e deu muita parte do dinheiro, que gastou na obra, como diz Gonzaga no seu livro da Religião Serafica, fol. 273.» — (P.^e Antonio Carvalho da Costa — *Corografia Portuguesa* —, Lisboa M.DCC.VII, cap. XVI, pág. 65.

Gaspar Estação — *Varias Antiguidades de Portugal* —, impressas em Lisboa no anno de 1625, cap. 29, 3, diz : — «Esta casa foi mandada derribar pelo mesmo Rei D. Dinis, porque na guerra, que teve com o Infante D. Afonso seu filho, em que o Infante teve esta vila cercada, que estava por El Rei seu pai, de cima do mosteiro, que estava chegado ao muro, faziam os do Infante grande dano aos da Vila. E tornou-se a edificar onde agora está de licença de El Rei D. João primeiro (em nota — «A carta de licença está no cartório de S. Francisco de Guimarães» —) dada em Braga em três de Novembro da Era de 1438 anno do Senhor de 1400, com condição que não fôsse mais chegado à Vila do que estava o de S. Domingos...»

(1) E' a versão também apresentada pelo P.^e Torquato Peixoto d'Azevedo nas *Memorias Resuscitadas da Antiga Guimarães*, em 1692, ed. de 1845, cap. 92, pág. 341.

Ordem de S. Fran.^{co}, e nam ha duvida e he tradição, q. entrarão logo q. sahirão os Padres, eq. ficaram sempre sujeitas aos mesmos e assim o diz o m.^o Carv.^o sup.^a prox.^e Cap. i6. pag. mihi. 6o. infine. ibi. =(1)

A capella do Anjo com o seu Recolhim.^{to} de Beatas de S. Francisco admitidas pelo Comissario dos Terceiros do Seu Convento, q. está situada na rua do Anjo, de quem tomou o nome. =

Neste Recolhim.^{to}, q. he tam antigo, q. não ha outra memoria do seu principio, houve sempre tanto fervor no zeloso servisso de Deos, q. nunca delle sahirão senam bom exzemplo; e m.^{tas} virtudes; nunca padecção õ menor dezar à sua pureza, antes tem tido Recolhidas detam exzemplar vida, como escreve o Insigne

(1) O P.^e Caldas (Guimarães, vol. II, pág. 94 e seg.) afasta-se neste ponto de todos os autores antigos e dos velhos monografistas vimaranenses. «Alguns escritores, explica, que se occupam desta segunda fundação (do convento de S. Francisco) dizem que ella tivera lugar no hospital do concelho, *que actualmente serve de recolhimento às beatas do Anjo*, e que fica dentro dos antigos muros da vila a norte da Torre Velha. Todavia se atendermos às palavras da doação, que se leem na História Seráfica dos frades menores da Província de Portugal, se apreciarmos bem os acontecimentos e avaliarmos outras circunstâncias, teremos de rejeitar o erro, e convencer-nos de que o hospital em questão estava fora de muros, occupando um lugar, muito provável, entre a actual Fonte dos Passarinhos e a igreja de S. Dâmaso, não podendo por isso ser nunca o recolhimento do Anjo». Basea-se primeiro naquellas palavras da doação — *juxta villam, circa murum villae, prope portam, quae vocatur de turre veteri*. «Acrece a isto que no correr dos tempos, como reza a história, crescendo a fábrica d'este segundo convento, também a cêrca se foi dilatando *daqui até ao rio da rua de Couros*, portanto o convento devia ficar fora de muros, pois que não era natural, que entre o convento e a sua cêrca corresse os muros da vila, separando o que por tôdas as razões devia estar ligado». Finalmente — «El Rei D. Dinis depois do cerco, que Guimarães briosamente sustentou contra as tropas de seu filho rebelde, mandou derrubar este convento, *que por estar muito perto dos muros da vila* servira de baluarte à gente D. Afonso, que dali causara grandes prejuizos e danos às tropas sitiadas. Portanto o segundo convento dos franciscanos, demolido por ordem régia, nada tem com o actual recolhimento.»

Genealogico Trocato Peixoto Azevedo seu vezinho, q. foy, deq.^m trata a Histor. da Caz. Real Portuguez. Sempre em toda a idade teve Recollidas m.^{to} nobres por nascim.^{to} eveneraveiz por virtuozas; com.^o Reco-lhim.^{to} teve entre outras heroínas a pr.^a fundadora do Most.^o da M.^e de Deos da pr.^a Regra de S.^{ta} Clara desta m.^a Villa de Guim.^{es} como diz o P. Fr. Fran.^{co} da Soledade no seu tom. 5. da Hist. Serafic. Cap. 35. pag. mihi. 806..Sub. n. ii8o or.^{do} A pedra ibi. ==

A pedra fundamental della foy huma varonil mo- lher digna de perpetua lembrança, nam so pello eleva- do do seu espirito, mas pella valentia do seu generoso animo. Chamava-se Catharina das Chagas e vivia na Companhia de outras Beatas da Terceira Ordem no Recolhim.^{to} do Anjo damesma Villa; as quaes são de habitos, e mantos de sayal com toucas na forma das Manteletas da dita Orde etambem de chapeos quando sahem fora de casa vindo todos os dias a Igreja do nosso convento de duas em duas ouvir mlsa, confessarse, e assistir aos officios divinos. Neste Recolhim.^{to} com grande consolação do seu espirito vivia Catharina das Chagas por se achar nelle separada e livre dos laços do mundo; mas entre tanta felecidade lhe aestia hum disgosto aq. tinha pertendido remedio, enam acabava de o conseguir. ==

Aqui neste lugar nam so diz o d.^o A. afsima, emq. antigam.^{te} vivião, dos habitos, vida e procedim.^{tos}, mas continua em como a m.^a fundou o d.^o Most.^o no anno de 1671; e foy a Roma pessoalm.^{te}, e fes outras m.^{tas} pruezas deq. fala o d.^o P. por todo o d.^o cap. 35.

Ficaram as mais Recollidas no seu Recolhim.^{to} do Anjo sempre com am.^a exzemplar vida e costumes recorrendo aos Prelados Ecclesiasticos de Braga, p.^a lhe conceder a faculd.^e da admenistração dos Sacram.^{tos} da sua Capella, e se ve a fl. 5; e *segg*; aq. lhe premetio o Serenissimo S.^r D. José Arcebispo Primaz, o qual tendo especial informação das suas vidas e costumes, e o grave deterim.^{to} q. padeção em sahirem ao com- vento de S. Fran.^{co} as admetio debaixo da Sua por- terccção, e tirou da sugeição dos P.^{es} de S. Fran.^{co} e

lhe pos Capellão como se ve do desp.^o, ou decreto fl. 7 —, e lhe concedeo a licença p.^a as absolverem e sepultar na sua Capella a fl. 8. eaf. 9; eaf. 10; eaf. ; p.^a a mudança da sua Capella a fl. ii e v.^o; e as houve por izentas das sugeições parochiaes a fl. 12. deu l.^a p.^a lançar o habito ao Donato fl. 13. mandou continuar o off.^o de N.^a Sr.^a a fl. 14. deu-lhe nova forma de habitos fl. 15. com mantos 16. e escapulario fl. 17., e lhe deu outro Capellam fl. 18. e outros mais, cujas izenções e decretos se acham confirmadas, pello Serenissimo Senhor D. Gaspar a fl. 19. e outros m.^{tos} Decretos, e Provizões. ⁽¹⁾

As mesmas Recolhidas q. sempre forão observantes da 3.^a Ordem de S. Fran.^{co} vendo-se opremidas

(1) Todos os referidos documentos se encontram apensos à representação, que não tem data, mas é escrita em letra conhecida aqui dos antiquários, devendo ter sido feita nos meados de mil setecentos. E' o primeiro a certidão da Provisão do S.^r Rey D. João V, a que se referem no parágrafo seguinte, e foi passada em Lisboa occidental a 24 de Outubro de 1736, deferindo o pedido que as recolhidas lhe haviam feito, e porque «há muitos anos viviam pobríssimas e sempre observantes da Ordem Terceira de S. Francisco com muita virtude e honestidade», de pedirem ou mandarem pedir esmolas «para sua sustentação e reparo do seu Recolhimento que se acha danificado e fazerem alguma obra mais precisa», licença válida por um ano e extensiva não só ao termo de Guimarães mas a todo o Arcebispado de Braga. As recolhidas representaram ao Arcebispado para que sua ilustríssima fôsse servido mandar que os reverendos párocos insinuem a seus fregueses este acto de caridade pedindo as esmolas pelas suas freguesias e juntas elas em sua casa avisem as recolhidas para as mandarem buscar por pessoa de sua confidência. Em cabido Sede Vacante 30 Janeiro 1736 o Deão lançou o seguinte despacho

— «*Poderám as Supplicantes mandar pedir: porem obrigaeons novas aos Parocos nam.*» —

Os hábitos eram todos de lã, na forma e segundo a regra da Terceira Ordem de S. Francisco. As recolhidas mandaram amostras ao Arcebispo e veio a resposta de que qualquer delas podia servir. Quando pediram para fazer mantos e escapulário, de Braga disseram (31 Janeiro 1752) — bastam mantos —. Elas insistiram — «desejavam usar de escapulário para mais modéstia, composição e honestidade das mãos e das pessoas e como das Ordens Terceiras Seculares do Carmo, da Trindade, de S. Domingos, de S. Francisco usam d'ele tôdas e as Sup.^{es} professando recolhidas teem mais razão para usarem d'ele que as pessoas seculares» —, alcançando licença (14 Maio 1752).

nam so recorrerão a Sua Alteza Real o Serenissimo S. D. J.^e Arceb.^o Primaz aonde juntaram m.^{tos} Docum.^{tos} do m.^o Recolhim.^{to}, e lá ficaram, pella morte do m.^o, como tambem qd.^o requeram ao S.^r Rey D. João 5.^o, q. lhe concedeo a Provizão fl. i. daqual se mostra, mostraram o seu intacto preçedim.^{to}, e antiguid.^e do m.^o Recolhim.^{to} q. preçedendo as informações se lhe concedeu na era de 1736. como se ve fl. i. v.^o do q. tudo se colhe a antiguid.^e do m.^o Recolhim.^{to}, e a sciencia q. delle tinha aquelle memoravel Monarca, e como as ditas Recolhidas, eram molheres se havia, como não ha duvida, alguns docum.^{tos} se perderam, ou consumirão pello espaço de tantos annos, deq. constão os livros, q. se allegam, q. fazem prova: Themud. 3. p. d.^e 340. pag. 322. mihi. n. 34. Peg. 6. foz. cap. i64. n. 12. card. Deque. de Regalib. d.^e 3i. pag. mihi. 82. n. 7. Barbos. ad. Ord. in. 4.^o tit. 102. q. i. n. 3.

E pello espaço de tantos annos se prezume inter-virem todas as solenidades, e requezitos n.^{os}, Valasc. cons. i69. an. 25. Reynos. ob.^a 71. n. 4 e add ibi.

E m.^{to} melhor se presumem todas as Solenid.^{es}, a vista da Provisão a fl. i. e v.^o por consentim.^{to}, e approvação deq.^m a concedeo. ex Reinoso Ob.^a 71 n. 3. e ud.^o ibi. Simon. Vas Barbos. Litera c. n. 98. August. Barbos. illius frater Ax.^{or} 46. n. 4.

E o certo he q. hoje se chamão Beatas ás molheres q. se dedicação a Deos ferquentando os Sacram.^{tos}, porem em outro tempo só assim se chamavão as q. vivião religiosas.^{te} como bem mostra Frey M.^{el} da Esperança Estor. Serafic. p. 1. Liv. 5. Cap. 20. pag. mihi 560. n. 2. (¹)

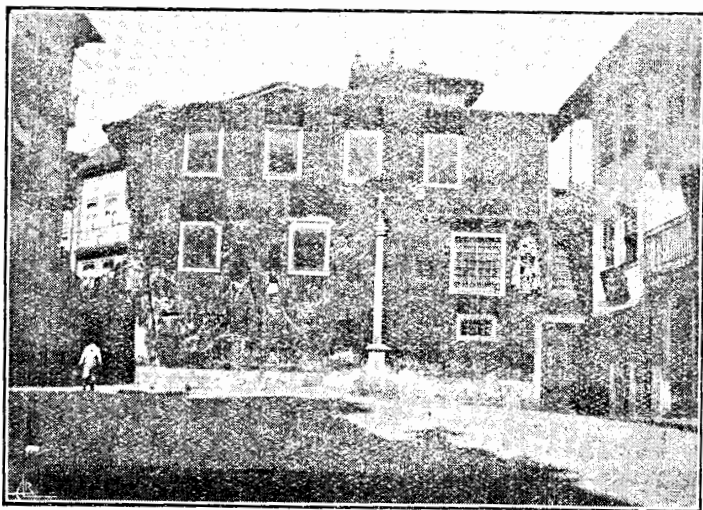
(¹) «Chamamos *Beatas* hoje ás mulheres seculares, que sendo mais reformadas na vida e no seu hábito parecem religiosas, o qual nome se deu já antigamente no Concilio IX de Espanha, celebrado pelos anos de 655, ás donzelas, que se consagram a Deus, e são bem-aventuradas por êste seu sacrificio.»

Na referida immemorial posse se conservam as Recolhidas do Anjo, sem impedim.^{to}, nem perturbação alguma q. conste des a sua pr.^a origem; nam tem outro t.^o, e se pode attribuir esta falta ou a sua singeleza, e elevação mais nas glórias do Ceo, que nas da terra; ou ao discurso do m.^o tempo, q. tudo consumo; e tudo q.^{to} lhe falta esperam supra a piedosa inflexibelid.^e de tam recto Mn.^o, porq.^m rogaram a D.^{os} prospere, e felicite. por todo o favor que imploram neste seu sincero memorial.

E. R. M.

(Continua).

EDUARDO D'ALMEIDA.



RECOLHIMENTO DO ANJO